

Unidades fraseológicas especializadas eventivas no âmbito do Treinamento de Força: um “exercício” exploratório

Eventive specialized phraseological units in the field of Strength Training: an exploratory “exercise”

Márcia dos Santos Dornelles*

RESUMO: Apoiado na Teoria Comunicativa da Terminologia, este estudo buscou identificar, descrever e analisar, de uma perspectiva linguística, a formação de unidades fraseológicas especializadas (UFE) eventivas (cf. BEVILACQUA, 2004) no âmbito do Treinamento de Força (TF) – uma especialidade da Educação Física. Para tanto, exploramos, com o programa AntConc (ANTHONY, 2011), um *corpus* de 21 artigos científicos em português sobre TF. Entre os achados do estudo, destacamos a variação denominativa (quase-sinonímia) e conceitual (polissemia) em unidades terminológicas e fraseológicas extraídas; e a predominância de nominalizações, comparadas a verbos e participios, nas UFE eventivas. Os procedimentos e critérios adotados, e as conclusões a que chegamos servirão de base para a tomada de decisões referentes à inclusão dessas fraseologias em um protótipo de glossário bilíngue (português-inglês) dirigido a tradutores, produto de nossa pesquisa de mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Comunicativa da Terminologia. Unidades fraseológicas especializadas. Treinamento de Força. Glossário bilíngue.

ABSTRACT: Based on the Communicative Theory of Terminology, this study identifies, describes and analyzes, from a linguistic perspective, the formation of eventive specialized phraseological units (eventive SPU; BEVILACQUA, 2004) in the field of Strength Training (ST) – a specialty of Physical Education. For this purpose, a corpus of 21 scientific articles on ST in Portuguese was explored using the software AntConc (ANTHONY, 2011). Among the findings of the study, we highlight the denominative (quasi-synonymy) and conceptual (polysemy) variation in the extracted terminological and phraseological units; as well as the predominance of nominalizations, compared to verbs and participles in the eventive SPU. The procedures and criteria adopted, as well as the conclusions reached will base the decision making regarding the inclusion of such phraseologies in a prototype bilingual (Portuguese-English) glossary designed to translators – a product of our Master’s research.

KEYWORDS: Communicative Theory of Terminology. Specialized phraseological units. Strength Training. Bilingual glossary.

1. Introdução

Ao elaborar um produto terminográfico bilíngue direcionado a tradutores, o terminógrafo deve ter a preocupação não só de repertoriar, nas duas línguas, os termos próprios de uma área ou subárea do conhecimento, mas também de apresentá-los dentro de suas

* Especialista em Estudos Linguísticos do Texto pelo Instituto de Letras da UFRGS; mestranda em Estudos da Linguagem (Teorias Linguísticas do Léxico) na mesma instituição; servidora técnico-administrativa da UFRGS.

ocorrências típicas, ou seja, de registrá-los acompanhados dos elementos que a eles se combinam em nível sintagmático, de forma recorrente nos textos daquela especialidade. Isso porque o tradutor precisa produzir, na língua de chegada, um texto adequado ao padrão de linguagem em foco. Esse padrão de linguagem inclui a terminologia¹ dessa especialidade, abrangendo também suas unidades fraseológicas especializadas (UFE), de forma a espelhar os modos de dizer de um dado campo do conhecimento. Assim, o texto de chegada soará natural para sua comunidade de leitores, e serão evitados ruídos na comunicação.

Partindo dessas premissas e dos princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b), este estudo, que caracterizamos como um exercício exploratório, tem o objetivo de identificar, descrever e analisar, de uma perspectiva linguística, a formação de algumas unidades fraseológicas especializadas eventivas (UFE eventivas, cf. BEVILACQUA, 2003, 2004) no âmbito do Treinamento de Força (TF) – uma especialidade da área de Educação Física –, em um *corpus* de 21 artigos científicos que versam sobre essa temática, originalmente escritos em português brasileiro. O estudo começa situando a fraseologia especializada no âmbito da TCT, segue com a definição de UFE eventivas e sua diferenciação de outras unidades sintagmáticas, tece algumas observações preliminares sobre certos aspectos das UFE eventivas na esfera do TF, passa para o detalhamento da metodologia empregada e a descrição e análise das unidades extraídas, e termina com nossas considerações.

O percurso aqui adotado e as conclusões a que chegamos servirão de base para a tomada de decisões referentes aos critérios de inclusão da fraseologia especializada do TF em um protótipo de glossário dirigido a tradutores, mas também útil para pesquisadores e estudantes da área. Tal produto será oferecido no bojo da dissertação de mestrado intitulada “Bases teórico-metodológicas para elaboração de um glossário bilíngue (português-inglês) de Treinamento de Força”.

2. As UFE no âmbito da Teoria Comunicativa da Terminologia: alguns fundamentos

Nesta seção, veremos que a concepção de UFE de Bevilacqua (2004) que adotamos neste trabalho (ver Seção 3) como unidade transmissora de conhecimento especializado insere-a como objeto de estudo na Terminologia, mais especificamente na TCT. Essa filiação disciplinar e teórica tem como consequência imediata a análise das unidades limitada aos textos

¹ Neste artigo, terminologia com t minúsculo refere-se a conjunto de termos, e Terminologia com T maiúsculo refere-se a campo de estudos ou disciplina.

especializados, porém com uma flexibilidade de adaptação a diferentes situações e propostas de trabalho, como bem observa a referida autora. Assim, como ponto de partida, apresentamos aqui, resumidamente, alguns dos princípios da TCT que julgamos mais relevantes para os propósitos deste estudo.

Dentre os princípios gerais, Cabré (1999a, p. 70) postula que a Terminologia é uma matéria interdisciplinar, integrada por fundamentos das Ciências da Linguagem, das Ciências da Cognição e das Ciências Sociais. Assim, a unidade terminológica (UT), seu objeto central de estudo, é *poliédrica*: é, ao mesmo tempo, uma unidade linguística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural. Como consequência, a prática terminológica também é tridimensional, ou seja, o termo, ou UT (e, do mesmo modo, as UFE), pode ser tratado a partir de três perspectivas (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b):

- da *perspectiva linguística*, a detecção e a descrição ou análise dos termos ou de outras unidades especializadas devem partir do texto produzido por especialistas, pois é no seu contexto de uso real, *in vivo*, que se estabelece o valor especializado das mesmas. É por esse valor que podem ser denominadas *unidades de significação especializada* (USE);
- da *perspectiva cognitiva*, faz-se a distinção entre conhecimento especializado e conhecimento não especializado. As unidades que representam e transmitem conhecimento especializado são denominadas UCE;
- da *perspectiva comunicativa* (ou *social*), busca-se identificar as diferentes situações comunicativas em que as unidades são utilizadas e, portanto, os aspectos pragmáticos (âmbito, temática, tipo de texto, perspectiva a partir da qual se trata o tema, funções do texto, interlocutores, etc.) que condicionam sua conformação e uso. Nessa perspectiva, as UT denominam-se *unidades de comunicação especializada* (UNICOME).

Além dessas, as UT podem ser tratadas:

- da perspectiva de cada matéria ou âmbito em que é utilizada (*multifuncionalidade*²). Por exemplo³, no TF, os termos anatômicos (*braço, coxa*) são empregados para designar regiões precisas do corpo envolvidas em determinados movimentos, exercícios ou medições. Nesse âmbito, portanto, possuem valor terminológico. Já em outros, podem ser usados com valor não especializado. Esse exemplo é mais bem explicado na Seção 4;
- do(s) enfoque(s) que podem receber no interior de uma mesma matéria ou âmbito (*multidimensionalidade*⁴). Por exemplo, a UFE *realização de exercício*, dentro da área de Educação Física, geralmente é empregada na perspectiva da saúde, mas também poderia sê-lo na perspectiva do treinamento.

Nessa breve exposição, percebe-se que, do mesmo modo que as UT, as UFE, dentre elas as eventivas, constituem um objeto de estudo poliédrico, multifuncional e multidimensional. Por isso, mesmo partindo da perspectiva linguística, como informamos na Introdução, concordamos com Bevilacqua (2004, p. 8) em que não há como perder de vista seu triplo caráter de USE, UCE e de UNICOME, pois se trata de uma fraseologia com conformação e valor especializado determinados por parâmetros morfossintáticos (gramaticais), semânticos e pragmático-discursivos que *se interligam*. Em outras palavras, as UFE são, ao mesmo tempo, estruturas integrantes do sistema da língua, portadoras de conhecimento específico de uma área ou temática especializada, e utilizadas em uma situação comunicativa especializada.

Tal constatação encontra respaldo em Cabré (1999a)⁵. A autora, ao mesmo tempo em que ressalta a importância de que o objeto de estudo “seja abordado e abordável a partir de uma teoria precisa e bem estabelecida” (p. 82), pondera que “nada impede que a análise de um objeto vá integrando progressivamente aspectos a partir de óticas disciplinares distintas” (p. 82). A estudiosa acrescenta que as UT “devem ser analisadas *funcional, formal e semanticamente*, descrevendo sua dupla *sistematicidade*: geral, em relação ao sistema da língua de que faz parte; e específica, em relação à terminologia do âmbito de especialidade em que são usadas” (p. 82).

² A multifuncionalidade diz respeito às funções representativa e comunicativa dessas unidades (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b).

³ Os exemplos oferecidos nesse ponto e no seguinte são nossos.

⁴ A multidimensionalidade diz respeito à variação, à poliedricidade e à dinamicidade das unidades (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b).

⁵ Neste artigo, todas as citações diretas de Cabré (1999a) e Bevilacqua (2004) foram traduzidas por nós.

Ainda relacionado à perspectiva linguística, cumpre ressaltar outro princípio balizador da TCT (BEVILACQUA⁶, 2004, p. 10):

- Os termos [...] não constituem um léxico independente do léxico geral: são unidades léxicas que adquirem valor especializado e, conseqüentemente, de UT por seu uso em um contexto e uma situação comunicativa específicos. Portanto, é uma ativação pragmática que leva em conta o âmbito, a temática, sua perspectiva de tratamento, o tipo de texto, os interlocutores e a situação comunicativa, que pode ser mais ou menos especializada.
- As UT, conseqüentemente, não *pertencem* a um âmbito: *são utilizadas* nele com um valor específico.

A passagem acima inter-relaciona três noções centrais da Linguística Geral que evidenciam a sólida base linguística da TCT: significação, valor e massa de falantes. Em termos saussurianos, diríamos que, numa situação de comunicação especializada, uma unidade lexical alcança estatuto, ou *valor*, terminológico ao sofrer uma *ressignificação*, ou seja, ao adquirir um significado especializado reconhecido pela comunidade de falantes da área específica: “Um signo só é um signo porque é reconhecido como tal por uma coletividade. E o que esta lhe reconhece não é nada além do valor que ela lhe atribui” (DEPECKER, 2012, p. 145). Assim, só após a aceitação e a repetição de um termo pelos próprios especialistas do campo é que ele é incorporado à terminologia deste. O papel decisivo do coletivo de falantes na consagração de um termo fica claro nesta passagem do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1971, p. 132):

[...] a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema lingüístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.

Em decorrência de serem, antes de tudo, signos da língua natural, as UT são suscetíveis a *toda gama de fenômenos* que nesta ocorrem, dentre eles a *variação conceitual* (polissemia) e *denominativa* (sinonímia), considerando a essência comunicativa e discursiva dessas unidades. Sobre esse princípio, Faulstich (2001), estudiosa da variação terminológica da perspectiva da Socioterminologia, é incisiva: “Variação e terminologia não se confrontam na abordagem atual. Pelo contrário, defendemos que a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social” (p. 20).

⁶ Segundo a própria autora, tal princípio é formulado por Cabré (1999a, 1999b, 2001a, 2001b).

Um último fundamento da TCT a destacar aqui é que a Terminologia, paralelamente à sua interdisciplinaridade, é também transdisciplinar, “dado que não existe nenhuma disciplina estruturada que não disponha de terminologia, e não existe modo algum de expressar nem transferir conhecimento científico sem terminologia” (CABRÉ, 1999a, p. 70). Essas duas características conferem à Terminologia uma diversidade de aplicações. Cabré (1999a, p. 71) considera que “toda atividade terminológica se justifica socialmente por sua utilidade em relação à solução de problemas relacionados com a informação e a comunicação”, e defende que a prática terminológica “deve variar necessariamente segundo os contextos, as finalidades, os recursos e a matéria que queira abarcar, e esta especificidade condiciona a atualização de uma concepção predominante” (p. 71).

Nesse sentido, entendemos que a análise linguística empreendida no presente estudo, a qual busca entender a conformação das UFEs eventivas em textos produzidos por especialistas afetos ao TF, será de grande utilidade para definir critérios de inclusão das mesmas no protótipo do glossário que projetamos construir. Passemos a elas, então.

3. Unidades fraseológicas especializadas eventivas: propriedades e diferenças

Dentre as diversas concepções de UFE existentes no âmbito dos estudos terminológicos, optamos por adotar neste trabalho o recorte proposto por Bevilacqua (2003, p. 215-216; 2004, p. 16-17) e investigar as UFE eventivas, cujas propriedades são assim descritas por essa autora:

- são unidades sintagmáticas formadas por um *núcleo terminológico* (NT), este constituído por um ou mais de um termo; e um *núcleo eventivo* (NE), de carácter terminológico ou não, assim denominado por ser constituído ou derivado de verbo (verbo, nominalização ou participípio);
- o NT representa um nó de conhecimento na estrutura ou mapa conceitual de um âmbito especializado, tem valor referencial e categoria nominal e possui um carácter denominativo (p. ex.⁷, *articulação, capacidade muscular, força, intensidade*);
- o NE é de categoria verbal ou deverbal (nominalização ou participípio), tem carácter relacional (os deverbais herdaram todas as propriedades da estrutura argumental e temática do verbo), e denota processos e ações próprios de determinada área de

⁷ Os exemplos fornecidos de NT e NE são nossos, procedentes do âmbito do TF.

conhecimento ou temática (p. ex., *periodizar/periodização/periodizado; flexionar/flexão/flexionado*);

- entre esses dois núcleos, se estabelecem relações de tipo sintático, mas principalmente de caráter semântico, determinadas pelas condições pragmático-discursivas, o que confere à unidade um caráter estável, i. e., de unidades semifixas;
- são, portanto, unidades que se conformam pelo e no discurso em que ocorrem, passando a ter valor fraseológico e especializado pelas características do texto em que são utilizadas, principalmente por aspectos pragmáticos como a temática e a situação comunicativa (interlocutores envolvidos, graus de especialização e finalidade dos textos);
- conseqüentemente, podem ser compreendidas como USE (perspectiva linguística), pois são estruturas integrantes do sistema da língua; como UCE (perspectiva cognitiva), pois transmitem conhecimento específico de uma área ou temática especializada; e como UNICOME (perspectiva comunicativa), pois são utilizadas em uma situação comunicativa especializada.

Ainda de acordo com Bevilacqua (2004, p. 18), as UFE eventivas distinguem-se de outras unidades sintagmáticas, a saber:

- das *unidades terminológicas sintagmáticas* (UTS), que, assim como as UT simples, representam um nó de conhecimento no mapa conceitual de uma especialidade, têm valor referencial e caráter denominativo (p. ex.⁸, *número de repetições, número de séries, intervalo de recuperação, força muscular*);
- das *unidades sintagmáticas discursivas* (USD), que, embora possam conter verbos equivalentes aos NE das UFE eventivas, têm uma função pragmático-discursiva relacionada especificamente ao tipo de texto e não à área temática (p. ex., *analisar os dados, apresentar os resultados, ver a Tabela I*);
- das *unidades sintagmáticas livres* (USL), que, embora possam ter uma UT equivalente a um NT das UFE eventivas, não contêm um verbo ou deverbal que possa

⁸ Os exemplos fornecidos de UTS, USD e USL são nossos, procedentes do âmbito do TF.

adquirir valor especializado e, conseqüentemente, não assumem valor especializado como unidade (p. ex., *constituir o treinamento de força, encontrar a força relativa*).

Como bem adverte Bevilacqua (2004, p. 18-19), “essa distinção nem sempre é tarefa simples, principalmente porque algumas propriedades dessas diferentes unidades podem coincidir, como a categoria gramatical, a estrutura sintática ou a frequência”. Pensando nisso, na seção a seguir apresentamos algumas características observadas preliminarmente nas UFE eventivas do campo do TF que tornam mais clara a distinção das mesmas de outras unidades sintagmáticas.

4. As UFE eventivas no âmbito do Treinamento de Força: observações preliminares

Nossa prática tradutória de mais de quinze anos na área de Educação Física levou-nos a construir manualmente, ao longo desse período, um glossário abrangente e de uso pessoal que, apesar de bastante rudimentar, nos proporcionou um rico conhecimento sobre a terminologia da subárea TF. Essa experiência nos permitiu observar que, no tocante às UFE eventivas, por vezes o valor terminológico do NE equipara-se ao do NT na relação que se estabelece entre esses núcleos. É o caso, por exemplo, das unidades *extensão do cotovelo, flexão do joelho e rotação interna da articulação do ombro*, que descrevem movimentos executados em exercícios de treinamento de força – fato que evidencia o caráter eventivo das mesmas e, ao mesmo tempo, as distingue de UTS e USL.

Expliquemos melhor. Os lexemas *cotovelo, joelho e ombro* são apenas alguns dos inúmeros termos da anatomia do corpo humano que têm grande recorrência na especialidade do TF, pois designam regiões articulares envolvidas nos movimentos. Nesse âmbito temático, eles possuem, portanto, valor terminológico, e constituem os NT nos exemplos de UFE eventivas supracitados. Apesar de sua larga utilização também em textos não especializados, neles se observa um uso mais indiscriminado, menos preciso, dessas palavras. Esse é um claro exemplo do caráter multifuncional dos termos, que se desdobra na “máxima terminológica” defendida pela TCT e por outras teorias descritivas de base linguística de que um termo não é termo, mas *está* termo dentro de uma situação comunicativa especializada, determinado por aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos. Nas palavras de Almeida (2010, p. 77):

Que critérios devemos levar em conta para distinguir um termo de uma palavra, já que a partir de uma perspectiva linguística todos são igualmente signos da língua natural? Não existe, pois, um conjunto de termos isolados constituindo uma língua marginal à língua geral; o que há são signos da língua natural que se realizam ora como palavras, ora como termos, dependendo da temática, dos usuários, da situação comunicativa (CABRÉ, 1999; 2003). O que distingue, portanto, termo de palavra são *critérios pragmáticos*. Em outras palavras: quem diz o quê? Para quem? Em que situação?

Seguindo nosso raciocínio, os três termos no TF denominam regiões articulares; e as articulações, por sua natureza, permitem apenas três movimentos principais: extensão, flexão e rotação (os NE de nossos exemplos). Naturalmente, um leigo na área poderia dizer, sem maiores problemas, *esticar o braço*, *dobrar a perna* ou *girar o ombro*; um especialista, no entanto, para que seu discurso seja bem aceito por seus pares, diria, respectivamente, *estender o cotovelo*, *flexionar o joelho* e *rotar o ombro*.

Percebemos, assim, que, nas UFE eventivas que denotam movimentos articulares e em alguns outros casos semelhantes no âmbito do TF, há o que Bevilacqua (2004, p. 82) chama de *restrição combinatória de caráter especializado*. Esta é uma evidência de que as referidas unidades são também UCEs, pois têm a função de transmitir conhecimento especializado – nos exemplos dados, conhecimento anatômico (representado pelo NT) e conhecimento cinesiológico (representado pelo NE). Nesse sentido é que afirmamos que, por vezes, o NE carrega um valor terminológico equivalente ao do NT.

As ocorrências específicas das articulações poderiam ser linguisticamente representadas nas formas a seguir, a partir do verbo no infinitivo, com desdobramentos para o nome deverbal e o particípio, dado o caráter relacional das UFEs eventivas definido na Seção 3. Adotamos aqui a forma no feminino singular:

- a) estender/flexionar/rotar + a + [articulação]
- b) extensão/flexão/rotação + da + [articulação]
- c) [articulação] + estendida/flexionada/rotada

Especificamente em relação ao NT, é importante retomar que, ainda que represente conhecimento especializado, ele comporta variação. Em outro estudo exploratório que

realizamos recentemente⁹, que investigou a variação no emprego da terminologia anatômica em artigos científicos no âmbito da Educação Física, e que inclui alguns artigos sobre TF, verificamos uma significativa variação nos termos anatômicos, mesmo havendo uma Terminologia Anatômica Internacional (TAI) traduzida para o português pela Sociedade Brasileira de Anatomia em 2001 (TAI, 2001). Dentro da classificação anatômica, as “divisões” que mais apresentaram variação foram o sistema muscular (p. ex.: *levantador da escápula* e *elevador da escápula*; *reto femoral* e *reto da coxa*; *transverso do abdome* e *transverso abdominal*) e, em seguida, o sistema esquelético (p. ex.: *cabeça do úmero* e *cabeça umeral*; *cavidade glenoidal* e *cavidade glenóidea*; *manúbrio do esterno* e *manúbrio esternal*). O referido estudo investigou somente a variação denominativa de unidades terminológicas e não de unidades fraseológicas. No presente estudo, pudemos verificar como se dá a variação nas UFE eventivas (ver Seção 6).

Com base na definição de UFE eventivas proposta por Bevilacqua (2003, 2004) e em nossas observações prévias, em princípio conferimos igual importância ao NT e ao NE na conformação dessas unidades, e tal fato orientou as decisões metodológicas tomadas neste estudo. Passemos agora ao detalhamento dessa metodologia.

5. Percurso metodológico

Antes de prosseguirmos, é importante frisar que, apesar da experiência terminográfica já relatada na subárea de TF, esta é a primeira exploração que fazemos das UFE dessa especialidade por meio de *corpus* textual com apoio informatizado. Além disso, o glossário que construímos não registra a frequência dos termos, uma vez que não teve auxílio de ferramenta computacional, razão pela qual decidimos desprezá-lo como ponto de partida possível para a recuperação de UFE eventivas. Tampouco dispomos de um mapa conceitual, que seria de grande utilidade para melhor compreensão da formação dessas unidades, como demonstra Bevilacqua em recente trabalho (no prelo). Esse mapa, ou uma árvore de domínio, será elaborado em etapa posterior da pesquisa. Dessa forma, seguimos aqui um passo-a-passo inicial na seara da Linguística de *Corpus*, na tentativa de nos apropriarmos dos recursos que ela oferece.

⁹ O estudo foi submetido a uma revista nacional no ano de 2014 e encontra-se em fase de avaliação.

O *corpus* de análise foi constituído de 21 artigos científicos originais, publicados em português brasileiro na *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, periódico de grande reconhecimento na área de Educação Física (estrato A2 no sistema WebQualis da CAPES¹⁰), motivo pelo qual nos foi indicado por um especialista na área de TF. A busca dos artigos foi feita na página eletrônica da RBME na base de dados SciELO¹¹, pelo assunto “Treinamento de Força”, e resultou em 21 textos com essa palavra-chave.

O *software* escolhido para exame do *corpus* foi o AntConc (ANTHONY, 2011), versão 3.2.4w¹², cujo acesso é gratuito. O AntConc exige a conversão dos textos para o formato .txt. Feito isso, fizemos a limpeza do *corpus*: deletamos as informações de cabeçalho, título em inglês, autores, universidades de origem, endereço para correspondência, *abstract* e *keywords* (já que, neste estudo-piloto, nosso objeto são unidades em português), figuras, referências bibliográficas, datas de submissão/recebimento/aceite e informações de rodapé da Revista.

No AntConc, primeiramente geramos, como porto de partida, uma *lista de palavras*¹³ (ver Anexo 1) por ordem de frequência, que totalizou 6.358 *types* e 72.773 *tokens*. Contando com nosso conhecimento acumulado sobre a terminologia do TF, neste estudo preliminar não comparamos essa lista com a de um *corpus* de referência de textos não especializados para gerar uma *lista de palavras-chaves*¹⁴ – ou candidatos a termos – específicos do TF, como é, via de regra, recomendado por alguns terminólogos (KRIEGER & FINATTO, 2004; TAGNIN, 2012). Tampouco recorremos a um *corpus* de contraste de outra especialidade (KRIEGER & FINATTO, 2004). Tais procedimentos, no entanto, serão utilizados posteriormente na elaboração do protótipo do glossário.

Da lista de palavras, selecionamos, pelo critério de frequência, dois prováveis NT – *força* e *exercício(s)* – e dois prováveis NE – *treinamento* e *aumento*. Esse equilíbrio entre os dois núcleos deve-se à nossa observação preliminar de que ambos podem ter caráter terminológico no âmbito investigado e ao propósito de testar a eficácia desses dois percursos de recuperação de dados no AntConc.

¹⁰ Disponível em <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>. Acesso em 17 dez. 2013.

¹¹ Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1517-8692&lng_pt/nrm_iso. Acesso em 25 nov. 2013.

¹² Disponível para *download* gratuito em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>.

¹³ *Word list*: lista de todas as palavras do *corpus*.

¹⁴ *Keyword list*: lista de palavras com frequência estatisticamente diferenciada no *corpus* de estudo em comparação com um *corpus* de referência.

Como era presumível, as palavras *treinamento* e *força* foram as mais frequentes em cada núcleo, já que, juntas, constituem uma palavra-chave dos artigos. A unidade *treinamento de força* também foi a mais frequente (183 ocorrências) na lista de *n-gramas*¹⁵ que geramos como ponto de apoio. Ainda assim, por se tratar da denominação da própria especialidade investigada, decidimos utilizar as mesmas funcionalidades de busca com cada palavra em separado para verificar se a USE *treinamento de força* caracteriza-se como uma UFE eventiva, sendo *treinamento* uma nominalização do verbo *treinar*, e *força* o objeto dessa ação ou atividade; ou uma UTS, sem caráter eventivo, caso em que *de força* qualificaria um tipo de treinamento. Esta última era nossa hipótese. Além disso, a busca em separado dessas palavras revelaria as demais combinatórias presentes no *corpus*.

Assim, a título de demonstração do método empregado para observação e coleta de dados, listamos os passos seguidos individualmente com as palavras *treinamento* e *força*.

Para *treinamento*, candidata a NE, geramos as seguintes listas:

1. *clusters*¹⁶ com a raiz **trein* alinhada à esquerda, com tamanho mínimo de 2 e máximo de 4, e observamos os resultados com frequência mínima de 2. A análise com o radical mostrou-se difícil, pois a busca resultou em muitos derivados e por ordem de frequência, não alfabética. Então geramos novos *clusters* em separado:
2. *concordances*¹⁷ com *treinar** (10), *treinou** (9), *treinava** (1) e *treinad** (57) para investigar a potencial eventividade de *treinamento*. Para *treinad**, devido ao número expressivo de resultados, geramos *clusters* à direita, de tamanho 2-4 (após testes, este se mostrou um bom tamanho para análise). Em todas as listas, consideramos os resultados com frequência mínima de 2 (21, ver Anexo 2);
3. *clusters* com *treinamento** à esquerda e à direita, com tamanho 2-4, e observamos os resultados com frequência mínima de 2 (153 e 209, respectivamente, cf. Anexo 3).

¹⁵ Sequências de palavras que se repetem no *corpus*. É preciso definir sua extensão mínima/máxima e sua frequência mínima.

¹⁶ Agrupamento de palavras em torno de uma palavra dada. Pode-se posicionar a palavra de busca à esquerda ou à direita, e é preciso definir a extensão mínima/máxima e a frequência mínima do *cluster*.

¹⁷ As “concordâncias” são uma lista das ocorrências de determinada palavra (ou sequência de palavras) com seu contexto no *corpus*.

Para *força*, candidata a NT:

1. geramos *clusters* com *força* à esquerda e à direita, com tamanho 2-4, e observamos os resultados com frequência mínima de 2 (138 e 121, cf. Anexo 4);
2. “cruzamos” manualmente os *clusters* com *força* alinhada à esquerda e à direita para verificar as derivações de um mesmo verbo (verbo, nominalização e particípio);
3. quando os candidatos a NE encontrados não apresentaram todas essas três formas, refinamos a busca observando os *clusters* de *força* de frequência 1 e/ou gerando *concordances* com as diferentes derivações do candidato, para investigar seu caráter eventivo.

Para os demais candidatos a NE (*aumento* e *redução*) e a NT (*exercício* e *RM*), seguimos os mesmos passos aqui numerados¹⁸. Ainda que se possa considerar que duas ocorrências seja uma frequência baixa para configurar uma UFE, decidimos extrair esses resultados pelo fato de nosso *corpus* de análise não ser muito extenso. Nos casos de dúvidas (como aquelas sinalizadas com ?? nos anexos), refinamos as buscas e contamos com nossa experiência de tradução na área de TF para avaliar o significado no cotexto das concordâncias e, quando necessário, do(s) artigo(s). Dessa forma, chegamos aos dados que passamos agora a descrever e analisar.

6. Descrição e análise dos dados

Para uma melhor visualização, listamos as UFEs eventivas extraídas a partir de cada palavra de busca, por ordem semialfabética, agrupadas por NE de mesma família (sombreado intercalado) e, dentro desse grupo, ordenadas pela frequência no *corpus*. Também relacionamos aquelas unidades que suscitaram dúvidas e que, após buscas refinadas, revelaram ser outro tipo de unidade sintagmática. Ao final da lista de unidades de cada palavra-núcleo, analisamos esses dados.

- Para *treinamento*:

Quadro 1. Treinamento.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
Como NE	UTS
<i>treinamento da força</i> (4)	<i>treinamento combinado</i> (20)
Como NT	<i>treinamento de força</i> (182)
<i>intensificação de/do treinamento</i> (4)	<i>treinamento [...] isolado</i> (15)
<i>treinamento intensificado</i> (1)	<i>treinamento resistido</i> (11)

¹⁸ Por limitação de espaço neste artigo, não fizemos busca reversa, ou seja, com os NE encontrados a partir da busca com um NT, não revertemos a busca para encontrar outras coocorrências, ou vice-versa, o que seria aconselhado para ampliar o número de unidades.

<i>monitoramento do treinamento</i> (2)	[indivíduos/sujeitos/jovens/homens/mulheres/idosas] treinados (16)
<i>periodização do treinamento</i> (2)	
<i>prescrição do treinamento</i> (20)	
<i>treinamento [...] prescrito</i> (3)	USL
<i>prescrever o treinamento</i> (2)	<i>investigaram o treinamento</i> (2)
<i>programa de treinamento implementado</i> (3)	
<i>implementaram um programa de treinamento</i> (1)	

As unidades extraídas revelam que:

- na maioria das ocorrências de UFE eventivas, *treinamento* funcionou como NT. Somente em *treinamento da força* ele revelou caráter eventivo, portanto NE;
- a USE *treinamento da força* (4) pode ser considerada uma UFE eventiva, apesar de não termos encontrado nenhuma destas ocorrências: *treinar(am)/treinou-se/treinava(m) força* ou *força treinada*, que caracterizariam uma ação ou atividade e reforçariam sua eventividade. Outra possibilidade seria tratá-la como uma variante de *treinamento de força*, da qual os autores dos dois artigos em que apareceram podem ter lançado mão a fim de evitar repetição. Nesse caso, ela seria uma UTS;
- já a USE *treinamento de força* (182 ocorrências) não se mostrou uma UFE eventiva, e sim uma UTS que designa um tipo de treinamento, o que confirma nossa hipótese levantada na Seção 5. O mesmo se verificou em relação a *treinamento combinado/isolado/resistido*. Vale aqui uma observação importante relativa à variação conceitual entre os termos *treinamento de força* e *treinamento resistido* (11). Alguns estudiosos usam indistintamente o segundo para qualquer tipo de treinamento realizado contra uma resistência. Outros utilizam *treinamento resistido* para o treinamento contra uma resistência não dimensionada, por exemplo, a água de uma piscina ou a resistência elástica; e *treinamento de força* para o treinamento contra uma resistência dimensionada, por exemplo, duas anilhas de 5 kg numa barra, ou 3 pesos de 2 kg num equipamento, ou ainda um haltere de 3 kg;
- o NE do grupo *implementar* na verdade é coocorrente do NT *programa de treinamento*, e não de *treinamento* sozinho, como apareceu nos *clusters* de tamanho 2-4. Ele se apresentou somente como verbo e participípio, sendo este o mais frequente;
- o NE do grupo *intensificar* apresentou somente nominalização e participípio, sendo a primeira a mais frequente;
- os NE *monitoramento* e *periodização* apresentaram-se apenas na forma nominal;
- o NE do grupo *prescrever* foi o único a se apresentar nas três formas regulares (verbo, nominalização e participípio), tendo a nominalização uma alta frequência (20);
- a forma mais frequente dos NE combinados com *treinamento* foi a nominalização;
- as UTS *indivíduos/sujeitos/jovens/homens/mulheres/idosas treinados* foram assim agrupadas e classificadas porque constituem tipos de sujeitos/indivíduos das pesquisas os quais já realizaram treinamento de força; portanto *treinados*, aqui, não tem caráter eventivo. Como mostra o Anexo 2, não há ocorrências (nem com

frequência 1) tais como *treinar(am)/ treinou(-se)/treinava(m) indivíduos*;
 - a USL *investigaram o treinamento* foi assim classificada porque o verbo não tem valor especializado.

- Para *força*:

Quadro 2. Força.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
<i>aferir a força</i> (2)	UTS
<i>aumento de/da força</i> (32)	<i>desempenho da força</i> (8)
<i>aumento(s) na força</i> (9)	<i>destreinamento de força</i> (2)
<i>aumentar a força</i> (8)	<i>destreinamento na força</i> (1)
<i>avaliação de/a força</i> (4)	<i>exercício(s) de força</i> (31)
<i>avaliando a força</i> (1)	<i>ganho(s) de força</i> (30)
<i>desenvolvimento de/da força</i> (9)	<i>ganhos em/na força</i> (4)
<i>força desenvolvida</i> (3)	<i>medida(s) de força</i> (2)
<i>desenvolver a força</i> (1)	<i>teste(s) de força</i> (3)
<i>diminuição de/da força</i> (3)	<i>treinamento de força</i> (182)
<i>a força diminui [diminuir a força]</i> (1)	<i>treino de força</i> (5): variante
<i>decrécimo na força</i> (2)	<i>[homens/sujeitos] treinados em força</i> (5)
<i>incremento(s) de/da força</i> (7)	<i>treinabilidade da força</i> (2)
<i>medida de/da força</i> (2)	
<i>mediam a força</i> (1)	USL
<i>força medida</i> (1)	<i>aprimoramento da força</i> (2)
<i>melhora da força muscular</i> (9)	<i>aquisição de força</i> (2)
<i>produção de força</i> (2)	<i>soma da força</i> (2)
<i>produzir força</i> (1)	
<i>queda na força</i> (4)	
<i>queda de força</i> (2)	
<i>redução de/da força</i> (7)	
<i>redução na força</i> (3)	
<i>treinamento da força</i> (4)	

As unidades extraídas revelam que:

- a unidade *força* confirmou-se como NT em todas as ocorrências de UFE eventivas;
- o NE *aferir* apresentou-se apenas no infinitivo e com baixa frequência (2). Parece ser uma variante denominativa (parassinônimo) menos prestigiada de *medir*, considerando as ocorrências dos derivados deste (4);
- os NE dos grupos *aumentar*, *diminuir* e *produzir* apresentaram somente verbo e nominalização, sendo esta última a forma mais frequente;
- com *aumento*, o NT apresentou as preposições *de* e *em*, fenômeno bastante comum no âmbito investigado. O uso frequente de *em* nessas formações possivelmente se deva à influência da gramática do inglês (*increase in*), língua para a qual os artigos costumam ser traduzidos, e por isso foi computado como uma possível variação de *de*;
- o NE do grupo *avaliar* apresentou-se como nominalização e gerúndio, sendo a

primeira a mais frequente;

- os NE dos grupos *desenvolver* e *medir* apresentaram-se nas três formas regulares (verbo, nominalização e particípio), sendo a nominalização a mais frequente;
- a USE *medida de força* foi classificada como UFE eventiva em 2 ocorrências e como UTS em outras duas. Em todas elas, tivemos de recorrer ao cotexto das concordâncias para verificar que, como UFE eventiva, se tratava de um parassinônimo de *medição de/da força* como uma ação; já como UTS, tratava-se de um tipo de medida;
- os NE *decréscimo*, *incremento*, *melhora*, *queda* e *redução* apresentaram somente a nominalização. Para distingui-los de UTS, consideramos que todos caracterizam um processo que ocasionou uma mudança na força. Com *decréscimo*, *queda* e *redução*, também foi empregada a preposição *em*;
- *incremento* (7) pode ser considerada uma variante denominativa (parassinônimo) menos prestigiada de *aumento* (41); assim como *decréscimo* (2) em relação a *diminuição* (3) e *redução* (10);
- a forma mais frequente dos NE que coocorreram com *força* foi a nominalização;
- a USE *treinamento da força* (4) foi confirmada como UFE eventiva pelo cotejo com a UTS *treinabilidade da força*, que indica que a força pode ser treinada;
- já *treinamento de força* (182) foi reconfirmada como UTS, assim como sua variante *treino de força* (5) e seu antônimo *destreinamento de/na força*. A UTS *treinados em força* refere-se aos sujeitos que realizaram esse tipo de treino;
- as USE classificadas como UTS não apresentaram, nos cotextos de ocorrência, caráter eventivo. Somente na busca por *teste*, encontramos este *hápax legómenon*: *força máxima (testada em equipamento isotônico)*, que indica que a força pode ser testada. No entanto, as 3 ocorrências de *teste(s) de força* designam um tipo de teste, assim como as 31 de *exercício(s) de força* designam um tipo de exercício;
- nas USL *aprimoramento da força* (2), *aquisição de força* (2) e *soma da força* (2), consideramos que as nominalizações não têm caráter especializado. As USE com significados semelhantes aos das duas primeiras e mais frequentes são, respectivamente, a UFE eventiva *melhora da força [muscular]* (9) e a UTS *ganho(s) de força* (30).

- Para *exercício(s)*:

Quadro 3. Exercício.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
<i>exercícios avaliados</i> (2)	UTS
<i>avaliou exercícios</i> (1)	<i>exercício(s) resistido(s)</i> (10)
<i>execução do(s) exercício(s)</i> (17)	<i>exercício(s) de força</i> (31)
<i>exercícios executados</i> (5)	[<i>exercício de</i>] <i>pressão de/das pernas</i> (2)
<i>executa(vam) o exercício</i> (2)	[<i>exercício de</i>] <i>agachamento</i> (9)
<i>ordenação de/dos exercícios</i> (5)	[<i>exercício de</i>] <i>desenvolvimento</i> (4)
<i>prática de exercícios</i> (6)	<i>exercícios de membros inferiores/superiores</i> (3)
<i>havam praticado os exercícios</i> (1)	
<i>prescrição de/do(s) exercício(s)</i> (15)	USL
<i>prescrever exercícios</i> (1)	<i>exercício comparado</i> (2)
<i>realização de/do(s) exercício(s)</i> (19)	<i>exercícios destinados [a]</i> (2)

<i>exercício(s) realizado(s)</i> (15)	<i>exercícios estudados</i> (2)
<i>realizar exercícios</i> (10)	<i>exercícios propostos</i> (5)
<i>exercício(s) selecionado(s)</i> (11)	<i>exercícios utilizados</i> (5)
<i>selecionou-se o exercício</i> (1)	
<i>término do(s) exercício(s)</i> (4)	

As unidades extraídas revelam que:

- a USE *exercício* confirmou-se como NT em todas as ocorrências de UFE eventivas. Não foi encontrada no *corpus* nenhuma realização como ato de exercitar, exercitação;
- os NE dos grupos *avaliar* e *selecionar* apresentaram somente verbo e particípio, sendo este último o mais frequente;
- os NE dos grupos *executar* e *realizar* apresentaram-se nas três formas regulares (verbo, nominalização e particípio). Em *executar*, a nominalização teve alta frequência (17). Esse verbo normalmente refere-se ao movimento do exercício. Já o uso de *realizar* é menos específico, por isso suas três formas tiveram alta frequência (10, 19 e 15, respectivamente), com destaque novamente para a nominalização (19);
- o NE *ordenação* e *término* apresentaram somente a nominalização;
- os NE dos grupos *praticar* e *prescrever* apresentaram somente verbo e nominalização, sendo esta última a forma mais frequente;
- mais uma vez, a forma mais frequente dos NE que coocorreram com *exercício* foi a nominalização;
- as UTS *exercício(s) resistido(s)* (10) e *exercício(s) de força* (31) designam tipos de exercícios. Aqui há uma variação conceitual idêntica à que explicamos em *treinamento de força* e *treinamento resistido*;
- nas UTS [*exercício de*] *pressão de pernas/agachamento/desenvolvimento*, o sintagma *exercício de* tem apenas a função de aclarar que o que vêm depois são denominações de exercícios. O *corpus* também registra ocorrências sem esse sintagma ou sem a preposição *de* antes dos nomes dos exercícios;
- já a UTS *exercícios de membros inferiores/superiores* pode ser entendida ou como a designação de um tipo exercício ou como exercícios *para* os membros. Nas 4 ocorrências, a forma *exercícios*, no plural, deixa claro que não significa o ato de exercitar, portanto não configura um NE;
- nas USL, os particípios não têm caráter especializado.

- E para *aumento*:

Quadro 4.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
<i>aumento(s) de/da(s) carga(s)</i> (3)	USL
<i>aumento do cortisol</i> (3)	<i>aumento dos riscos</i> (2)
<i>aumento de/da força</i> (8)	<i>aumento do(s) valor(es)</i> (2)
<i>aumento na força</i> (2)	<i>aumento(s) em/na área</i> (2)
<i>aumento de/da força muscular</i> (18)	

<i>aumento(s) na força muscular</i> (5)	
<i>aumento de/da força muscular periférica</i> (5)	
<i>aumento da glicose</i> (2)	
<i>aumento da LDH [lactato desidrogenase]</i> (2)	
<i>aumento de/da massa magra</i> (5)	
<i>aumento na massa magra</i> (2)	
<i>aumento de/da massa muscular</i> (4)	
<i>aumento(s) na PAS [pressão arterial sistólica]</i> (2)	
<i>aumento da PCO₂ [pressão de dióxido de carbono]</i> (5)	
<i>aumento da PE [percepção de esforço]</i> (4)	
<i>aumento de/da resistência muscular</i> (2)	
<i>aumento da temperatura corporal</i> (3)	
<i>aumento de/da tensão</i> (2)	
<i>aumento da taxa metabólica de repouso (TMR)</i> (2)	
<i>aumento do VO₂ [consumo de oxigênio]</i> (3)	

As unidades extraídas revelam que:

- a USE *aumento* confirmou-se como NE em todas as ocorrências de UFE eventivas, caracterizando um processo que gera mudança de estado;
- as UFE eventivas mais frequentes foram *aumento de/da força muscular* (18), *aumento de/da força* (8), *aumento na força muscular* (5), *aumento de/da força muscular periférica* (5), *aumento da massa magra* (5), *aumento da PCO₂* (5), *aumento de/da massa muscular* (4) e *aumento da PE* (4);
- no total de unidades com frequência igual ou maior que 2, o uso da preposição *de* é bem mais frequente (70) que o da preposição *em* (13);
- o uso do artigo com essas duas preposições (*do, da, na*) é bem mais frequente do que sem (*de, em*). De fato, só foi encontrada uma ocorrência com *em*: na USL *aumento em área*;
- as USL extraídas não possuem valor especializado.

7. Consideração finais

Este estudo demonstrou que o reconhecimento das UFE eventivas revela uma grande rede de relações entre as diferentes USE. Nas unidades extraídas, por exemplo, *treinamento* combina-se à *força* formando a UFE eventiva *treinamento da força* e a UTS *treinamento de força*. Já na busca por *força*, além dessas duas USE, encontramos as UTS *treino de força* e *destreinamento de força*, respectivamente uma variante e o antônimo de *treinamento de força*. Na busca de *exercício(s)*, extraímos a UTS *exercício(s) de força*; e na exploração de *aumento*, encontramos as UFE eventivas *aumento de/da/na força*; *aumento de/da/na força muscular e aumento de/da força muscular periférica*.

Foi possível observar variação denominativa (quase-sinonímia) nos NE das UFE eventivas (*medir/aferir a força; aumento/incremento da força; redução/diminuição/decréscimo da força; realização/execução do exercício*); e, nas UTS, variação denominativa (*treinamento/treino de força*) e conceitual (polissemia) (*treinamento de força e treinamento resistido; exercício de força e exercício resistido*).

Reforçando a tendência observada em textos especializados em geral, nos artigos científicos analisados as nominalizações foram bastante mais frequentes que os verbos e os participios nos NE das UFE eventivas extraídas. Nelas, a preposição *de* do sintagma preposicionado do NT é bem mais frequente que a preposição *em*, como, por exemplo, em *aumento de/da força muscular* (18) e *aumento(s) na força muscular* (5).

Em algumas combinatórias, foi difícil distinguir entre UTS e UFE eventiva com nominalização, especialmente quando esta era a única forma de ocorrência do NE. Foram os casos, por exemplo, de *decréscimo na força, incremento(s) de/da força, queda na/de força, redução de/da/na força e medida de/da força*. Em todos esses casos, foi necessário recorrer ao cotexto das concordâncias e/ou de um trecho maior de texto no interior do artigo para investigar o caráter eventivo da USE. Ainda assim, tal decisão nos parece um tanto subjetiva.

Num *corpus* de análise pequeno como foi o deste estudo, a frequência mostrou-se um indicador válido no reconhecimento das UFE eventivas, mas o cotexto aliado à experiência tradutória no âmbito investigado foi, por vezes, decisivo. Nesse sentido, na continuidade da pesquisa, a consulta a um ou mais especialistas em Treinamento de Força será bastante útil.

Para inclusão das UFE eventivas em nosso protótipo de glossário, será preciso rever o critério de frequência associado à distribuição no *corpus* de análise. Nesse *corpus*, que será maior, avaliaremos se a frequência 2 e a distribuição 2 (isto é, pelo menos duas ocorrências no total, distribuídas em dois artigos científicos) não serão baixas para determinar a inclusão de uma unidade no produto terminográfico oferecido.

Com relação à base teórica da Teoria Comunicativa da Terminologia, destacamos que esta tem a primazia na orientação de nosso trabalho pelo mérito de revelar, ao mesmo tempo, consistência de princípios, abrangência de perspectivas e flexibilidade de metodologias. Por isso mesmo, a TCT defende, como já mencionamos, a interdisciplinaridade como forma de garantir um tratamento mais aprofundado dos diferentes fatos de língua observados nas terminologias. Nesse sentido, no que toca especificamente à variação terminológica –incluindo a fraseológica–, dadas as evidências desveladas neste exercício exploratório e considerando o

espaço privilegiado que lhe reservamos em nosso glossário-piloto, entendemos que o fenômeno merece ser compreendido a partir de diferentes enfoques. Isso porque é nosso propósito oferecer ao usuário tradutor informações que lhe sejam realmente proveitosas no momento de se decidir por uma ou outra variante ou combinatória na sua produção textual. Para tanto, vemos a necessidade de recorrer também aos aportes da Socioterminologia e da Terminologia Sociocognitiva da Terminologia para uma melhor elucidação dos tipos de variação encontrados no âmbito dos artigos científicos sobre Treinamento de Força, com vistas a um tratamento mais qualificado do comportamento variante das UT e UFE eventivas em nosso glossário.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, G. M. B. Fazer Terminologia é fazer Linguística. In: PERNA, C. L.; DELGADO, H. K.; FINATTO, M. J. (Orgs.) **Linguagens especializadas em corpora**: modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 72-90. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/linguagensespecializadasemcorpora.pdf>. Acesso em 21 dez. 2013.

ANTHONY, L. **AntConc** (Version 3.2.4w) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2011. Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>.

BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: elementos para seu reconhecimento em *corpora* textuais. **Intercâmbio**, v. XII, p. 215-223, 2003.

_____. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas**: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. 2004. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA), Barcelona, Espanha. Disponível em <http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/teses/teses.php>. Acesso em 21 dez. 2013.

_____. Traducción, terminología y fraseología especializada: relaciones necesarias para la adquisición de la competencia traductora. **Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires**. (no prelo)

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación; elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999a. (Sèrie Monografies, 3) **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/tlrp.1>

_____. Variació per tema. El discurs especialitzat o la variació funcional determinada per la temàtica: noves perspectives. **Caplletra: Revista Internacional de Filologia**, 25. Valencia: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Institut de Filologia Valenciana, p. 173-194, 1999b.

_____. Consecuencias teóricas de la propuesta metodológica. En: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Ed.). **La terminología científico-técnica**: reconocimiento, análisis y extracción de

información formal y semántica. (Informe DGES PB-96-0293). Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 2001a, p. 27-36.

_____. Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica y consecuencias metodológicas. En: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Ed.). **La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica.** (Informe DGES PB-96-0293). Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 2001b, p. 17-25.

DEPECKER, L. **Comprender Saussure a partir dos manuscritos.** Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012. 215 p.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em 04 ago. 2013.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004. 224 p.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** Org. Charles Bally e Albert Sechehaye; col. Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. 280 p.

[TAI] Sociedade Brasileira de Anatomia (SBA). Federative Committee on Anatomical Terminology (FCAT) / Comissão Federativa da Terminologia Anatômica (CFTA). *Terminologia anatômica: Terminologia anatômica internacional.* 1ª ed. (brasileira). São Paulo: Manole, 2001.

TAGNIN, S. E. O. Fraseologia especializada para tradutores: glossários direcionados pelo *corpus*. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**, v. 1. Campinas: Pontes, 2012. p. 333-344.

Corpus textual de análise

ARRUDA, A. F. S. *et al.* Monitoramento do nível de estresse de atletas da seleção brasileira de basquetebol feminino durante a preparação para a Copa América 2009. **Rev Bras Med Esporte**, v. 19, n. 1, p. 44-47, fev. 2013. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922013000100009>

BARROS, M. A. P. *et al.* Reprodutibilidade no teste de uma repetição máxima no exercício de puxada pela frente para homens. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 4, p. 348-352, ago. 2008.

CASTINHEIRAS NETO, A. G.; SILVA, N. L.; FARINATTI, P. T. V. Influência das variáveis do treinamento contra-resistência sobre o consumo de oxigênio em excesso após o exercício: uma revisão sistemática. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 1, p. 70-78, fev. 2009. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922009000100015>

COSTA, J. B. Y. *et al.* Influência do estado de treinamento sobre o comportamento da pressão arterial após uma sessão de exercícios com pesos em idosas hipertensas. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 2, p. 103-106, abr. 2010.

FETT, C. A. *et al.* A suplementação de ácidos graxos ômega 3 e triglicérides de cadeia média não alteram os indicadores metabólicos em um teste de exaustão. **Rev Bras Med Esporte**, v. 10, n. 1, p. 44-49, fev. 2004. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922004000100004>

FONTOURA, A. S.; SCHNEIDER, P.; MEYER, F. O efeito do destreinamento de força muscular em meninos pré-púberes. **Rev Bras Med Esporte**, v. 10, n. 4, p. 281-284, ago. 2004.

GUIDO, M. *et al.* Efeitos de 24 semanas de treinamento resistido sobre índices da aptidão aeróbia de mulheres idosas. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 4, p. 259-263, ago. 2010.

LEMOS, A. *et al.* Desempenho da força em idosas após duas intensidades do exercício aeróbio. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 1, p. 28-32, fev. 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922008000100005>

MATERKO, W.; NEVES, C. E. B.; SANTOS, E. L. Modelo de predição de uma repetição máxima (1RM) baseado nas características antropométricas de homens e mulheres. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 1, p. 27-32, fev. 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000100007>

MIRANDA, H. *et al.* Análise da frequência cardíaca, pressão arterial e duplo-produto em diferentes posições corporais nos exercícios resistidos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 11, n. 5, p. 295-298, out. 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922005000500010>

MONTEIRO, W. D.; SIMÃO, R. Existe déficit bilateral na realização de 10RM em exercícios de braços e pernas? **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 3, p. 115-118, jun. 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922006000300001>

PANISSA, V. L. G. *et al.* Exercício concorrente: análise do efeito agudo da ordem de execução sobre o gasto energético total. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 2, p. 127-131, abr. 2009. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922009000200009>

PEREIRA, M. I. R.; GOMES, P. S. C. Efeito do treinamento contra-resistência isotônico com duas velocidades de movimento sobre os ganhos de força. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 2, p. 91-96, abr. 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000200005>

POLITO, M. D. *et al.* Efeito de 12 semanas de treinamento com pesos sobre a força muscular, composição corporal e triglicérides em homens sedentários. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 1, p. 29-32, fev. 2010. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922010000100005>

POLITO, M. D. Força muscular *versus* pressão arterial de repouso: uma revisão baseada no treinamento com pesos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 4, p. 299-305, ago. 2009.

RIBEIRO, F. M. *et al.* Reprodutibilidade inter e intradias do *Power Control* em um teste de potência muscular. **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 5, p. 255-258, out. 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922006000500006>

SILVA, E. G.; DOURADO, V. Z. Treinamento de força para pacientes com doença pulmonar obstrutiva crônica. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 3, p. 231-238, jun. 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922008000300014>

SILVA, N. L.; FARINATTI, P. T. V. Influência de variáveis do treinamento contra-resistência sobre a força muscular de idosos: uma revisão sistemática com ênfase nas relações dose-resposta. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 1, p. 60-66, fev. 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000100014>

SOUZA, H. F.; MARQUES, D. C. Benefícios do treinamento aeróbio e/ou resistido em indivíduos HIV+: uma revisão sistemática. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 6, p. 467-471, dez. 2009. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922009000700013>

TIGGEMANN, C. L.; PINTO, R. S.; KRUEL, L. F. M. A Percepção de Esforço no Treinamento de Força. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 4, p. 301-309, ago. 2010.

UCHIDA, M. C. *et al.* Efeito de diferentes protocolos de treinamento de força sobre parâmetros morfofuncionais, hormonais e imunológicos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 1, p. 21-26, fev. 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922006000100005>

ANEXO 1 – LISTA DE PALAVRAS (PARCIAL) NO ANTCONC

(Copiada e formatada no Word)

Total No. of Word Types: 6.358 / Total No. of Word Tokens: 72.773

Rank	Freq	Cluster	Rank	Freq	Cluster	Rank	Freq	Cluster
1	4647	de	19	437	dos	37	254	séries
2	2008	e	20	436	um	38	247	al
3	2001	a	21	394	as	39	245	à
4	1473	o	22	393	exercícios	40	242	ser
5	1222	do	23	387	entre	41	240	et
6	1194	em	24	381	foram	42	239	após
7	1124	que	25	374	RM	43	237	teste
8	1053	da	26	363	uma	44	236	repetições
9	857	os	27	357	exercício	45	231	das
10	837	com	28	334	ao	46	227	muscular
11	821	para	29	333	por	47	219	nos
12	707	treinamento	30	316	estudos	48	200	diferentes
13	658	no	31	295	estudo	49	200	mais
14	537	na	32	294	é	50	199	intensidade
15	524	força	33	276	A	51	190	aumento
16	502	se	34	276	O	52	190	maior
17	490	não	35	270	como	53	188	carga
18	472	foi	36	254	ou	(Continua até 6.358.)		

ANEXO 2 – TESTE DE EVENTIVIDADE

RESULTADOS DE TREINAR*, TREINOU*, TREINAVA*, TREINAD*

(Copiados e formatados no Word)**Concordances de TREINAR* (total de resultados: 10)**

1 sível determinar a intensidade em que os sujeitos **treinaram**, o que pode influenciar as modificações na
 2 de comparação (GC: 25 ± 6 anos; 59 ± 13 kg) e não **treinaram** durante um período de controle de 12 se
 3 aram ganhos em todas as velocidades testadas após **treinar** o agachamento e a extensão de joelho a apr
 4 es, os ganhos médios obtidos pelos indivíduos que **treinaram** com alta intensidade mantiveram-se em t
 5 tiveram-se em torno de 55,6%, enquanto que os que **treinaram** com baixa intensidade ficaram por volta
 6 s intensidades de trabalho, comparando grupos que **treinaram** com duas séries de 15RM, três séries de
 7 mento de força: Durante oito semanas, os sujeitos **treinaram** quatro vezes por semana (segundas, terça
 8 eito de como a força diminui quando elas param de **treinar**. O objetivo deste estudo foi avaliar o efeito d
 9 as. Sete meninos pré-púberes (EX, $9,4 \pm 1,6$ anos) **treinaram** três séries de 15 repetições, três vezes por s
 10 e destreinamento na força muscular de meninos que **treinaram** por 12 semanas. MÉTODOS Sujeitos A

Concordances de TREINOU* (total de resultados: 9)

1 observada quando testada de outra forma. Behm(10) **treinou** o desenvolvimento a $3,14 \text{ rad}\cdot\text{s}^{-1}$ e encontr
 2 ,41-1,50 $\text{rad}\cdot\text{s}^{-1}$. O estudo de Morrissey et al.(11) **treinou** o agachamento em dois grupos, um a $0,87 \text{ rad}\cdot$
 3 indivíduos distribuídos em quatro grupos: um que **treinou** uma vez por semana; outro que treinou duas
 4 pos: um que treinou uma vez por semana; outro que **treinou** duas vezes; um terceiro que treinou três ve
 5 na; outro que treinou duas vezes; um terceiro que **treinou** três vezes por semana; e um quarto que se ca
 6 ixas. O de Hunter et al.(2) comparou um grupo que **treinou** com duas séries à intensidade de 80% de 1R
 7 ies à intensidade de 80% de 1RM, com um grupo que **treinou** um dia da semana a 50%, outro dia a 65%
 8 milar de meninos ($n = 7$, $9,7 \pm 1,7$ anos), que não **treinou**, serviu como grupo controle (CO). Após o trein
 9 10,7% e $29,1 \pm 5,9$ kg, respectivamente. Este grupo **treinou** por 12 semanas. O grupo CO foi composto po

Concordances de TREINAVA* (total de resultados: 1)

1 a 2009, de ligas nacionais em diferentes países e **treinavam** em torno de dez a 12 sessões semanais. Tod

Clusters de TREINAD* à direita (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 21)

1	10	não treinadas	12	2	de idosas treinadas
2	6	e não treinadas	13	2	em indivíduos treinados
3	6	e treinados	14	2	esforço de idosas treinadas
4	6	treinadas e não treinadas	15	2	grupo não treinadas
5	4	mulheres treinadas	16	2	grupo treinadas
6	4	não treinados	17	2	grupos (treinados
7	3	ativos e treinados	18	2	homens treinados
8	3	e não treinados	19	2	idosas treinadas
9	3	indivíduos treinados	20	2	sedentários, ativos e treinados
10	3	jovens treinados	21	2	sujeitos treinados
11	3	treinados e não treinados			

ANEXO 3 – CLUSTERS DE TREINAMENTO*, TAMANHO 2-4**(Resultados com frequência mínima de 2, copiados e formatados no Word)****ALINHADO À ESQUERDA (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 153)**

1	189	treinamento de	78	3	treinamentos de
2	166	treinamento de força	79	2	treinamento (GT
3	66	treinamento com	80	2	treinamento (GT – n
4	49	treinamento aeróbio	81	2	treinamento (momento
5	39	treinamento com pesos	82	2	treinamento (somatório
6	20	treinamento combinado ??	83	2	treinamento (somatório de
7	19	treinamento contra	84	2	treinamento (somatório de todas
8	19	treinamento contra-resistência	85	2	treinamento aeróbio de
9	15	treinamento de força para	86	2	treinamento aeróbio em

10	14	treinamento em	87	2	treinamento aeróbio isolado ou
11	13	Treinamento de	88	2	treinamento aeróbio prévio
12	12	Treinamento de força	89	2	treinamento aeróbio é
13	11	treinamento resistido	90	2	treinamento com pesos (TP)
14	10	treinamento e	91	2	treinamento com pesos sobre
15	10	treinamento físico	92	2	treinamento com velocidade
16	9	treinamento da	93	2	treinamento com velocidades diferentes
17	8	treinamento para	94	2	treinamento combinado curto
18	7	treinamento de força de	95	2	treinamento combinado foi
19	7	treinamento de força em	96	2	treinamento combinado longo
20	7	treinamento de força isolado	97	2	treinamento combinado longo resultou
21	7	treinamento de força sobre	98	2	treinamento contra-resistência dependem
22	7	treinamento sobre	99	2	treinamento contra-resistência para
23	7	treinamento, o	100	2	treinamento contra-resistência sobre
24	6	treinamento aeróbio e	101	2	treinamento da PM
25	6	treinamento concorrente	102	2	treinamento de adultos
26	6	treinamento de força e	103	2	treinamento de adultos jovens
27	6	treinamento. O	104	2	treinamento de alta
28	5	treinamento aeróbio isolado	105	2	treinamento de alta intensidade
29	5	treinamento com pesos em	106	2	treinamento de força deve
30	5	treinamento de força (TF)	107	2	treinamento de força nos
31	5	treinamento de força é	108	2	treinamento de força não
32	5	treinamento dos	109	2	treinamento de força resulta
33	5	treinamento foi	110	2	treinamento de força são
34	4	treinamento com diferentes	111	2	treinamento de força tenha
35	4	treinamento com ECR	112	2	treinamento de força, exercício
36	4	treinamento da força ??	113	2	treinamento de força, representada
37	4	TREINAMENTO DE	114	2	treinamento de força. Os
38	4	TREINAMENTO DE FORÇA	115	2	treinamento de resistência
39	4	treinamento de força pode	116	2	treinamento dinâmico
40	4	treinamento de moderada	117	2	treinamento distintos
41	4	treinamento de moderada a	118	2	treinamento distintos: Múltiplas
42	4	treinamento dos sujeitos	119	2	treinamento distintos: Múltiplas séries
43	4	treinamento esportivo	120	2	treinamento em equipamento
44	4	treinamento não	121	2	treinamento em equipamento isocinético
45	4	treinamento que	122	2	treinamento físico com
46	4	treinamento regular	123	2	treinamento hipertrófico
47	4	treinamento, velocidade	124	2	treinamento implementado ??
48	4	treinamento, velocidade de	125	2	treinamento implementado foi
49	4	treinamentos com	126	2	treinamento implementado foi bem
50	3	treinamento aeróbio e/ou	127	2	treinamento isotônico
51	3	treinamento com diferentes velocidades	128	2	treinamento na semana
52	3	treinamento com pesos e	129	2	treinamento o
53	3	treinamento com pesos para	130	2	treinamento ou
54	3	treinamento com velocidades	131	2	treinamento para o
55	3	treinamento de força ao	132	2	treinamento por
56	3	treinamento de força foi	133	2	treinamento quando
57	3	treinamento de força na	134	2	treinamento que aliem
58	3	treinamento de força ou	135	2	treinamento que aliem, ao
59	3	treinamento de força tem	136	2	treinamento resistido (TR)
60	3	treinamento em circuito	137	2	treinamento resistido (TR) não
61	3	treinamento mais	138	2	treinamento resistido sobre índices
62	3	treinamento na	139	2	treinamento sistemático
63	3	treinamento resistido sobre	140	2	treinamento sobre os
64	3	treinamento rápido	141	2	treinamento TS
65	3	treinamento sem	142	2	treinamento, a
66	3	treinamento sobre o	143	2	treinamento, apenas
67	3	treinamento é	144	2	treinamento, com
68	3	treinamento, como	145	2	treinamento, no
69	3	treinamento, em	146	2	treinamento, os autores
70	3	treinamento, os	147	2	treinamento. Entretanto
71	3	treinamento, tanto	148	2	treinamento. Nesse
72	3	treinamento, velocidade de execução	149	2	treinamento. Nesse sentido
73	3	treinamento. Em	150	2	treinamento. O programa

74	3	treinamento. No	151	2	treinamento. Tais
75	3	treinamento. Não	152	2	treinamentos de força
76	3	treinamento. Não foram	153	2	treinamentos de força e
77	3	treinamento. Não foram observadas			

ALINHADO À DIREITA (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 209)

1	277	de treinamento	98	3	modo de treinamento
2	155	do treinamento	99	3	o volume de treinamento
3	103	o treinamento	100	3	oito de treinamento
4	31	ao treinamento	101	3	outro lado, o treinamento
5	31	semanas de treinamento	102	3	Palavras-chave: treinamento
6	21	O treinamento	103	3	promovidos pelo treinamento
7	21	sessão de treinamento	104	3	pré-treinamento
8	20	efeitos do treinamento	105	3	Quanto ao treinamento
9	20	prescrição do treinamento	106	3	resultados do treinamento
10	19	que o treinamento	107	3	segundo mês de treinamento
11	17	após o treinamento	108	3	sobre o treinamento
12	17	oito semanas de treinamento	109	3	submetidos ao treinamento
13	16	grupo de treinamento	110	3	tipos de treinamento
14	14	no treinamento	111	3	variáveis de treinamento
15	14	os efeitos do treinamento	112	2	a intensificação do treinamento
16	14	programa de treinamento	113	2	a treinamento
17	14	tipo de treinamento	114	2	a treinamentos
18	14	variáveis do treinamento	115	2	adaptação ao treinamento
19	10	a prescrição do treinamento	116	2	aeróbico isolado ou treinamento
20	10	após treinamento	117	2	aeróbico, treinamento
21	10	programas de treinamento	118	2	ano de treinamento
22	9	período de treinamento	119	2	antes do treinamento
23	9	protocolos de treinamento	120	2	ao nível de treinamento
24	8	grupos de treinamento	121	2	apenas treinamento
25	8	para o treinamento	122	2	após 13 semanas de treinamento
26	8	um treinamento	123	2	as pesquisas sobre treinamento
27	7	em treinamento	124	2	as referências sobre treinamento
28	7	nível de treinamento	125	2	as sessões de treinamento
29	7	pelo treinamento	126	2	as variáveis do treinamento
30	7	sessões de treinamento	127	2	as velocidades de treinamento
31	7	sobre treinamento	128	2	associado ao treinamento
32	7	uma sessão de treinamento	129	2	avaliação e de treinamento
33	6	com o treinamento	130	2	benefícios do treinamento
34	6	das variáveis do treinamento	131	2	benefícios promovidos pelo treinamento
35	6	intensidade do treinamento	132	2	cada treinamento
36	6	o grupo de treinamento	133	2	carga de treinamento
37	6	ou treinamento	134	2	carga no treinamento
38	6	pós-treinamento	135	2	com experiência em treinamento
39	6	um programa de treinamento	136	2	controle e treinamento
40	6	volume de treinamento	137	2	crônico do treinamento
41	5	conteúdos do treinamento	138	2	da carga no treinamento
42	5	desse tipo de treinamento	139	2	da periodização do treinamento
43	5	diferentes conteúdos do treinamento	140	2	de 12 semanas de treinamento
44	5	esse tipo de treinamento	141	2	de efeitos do treinamento
45	5	habituais de treinamento	142	2	de experiência em treinamento
46	5	início do treinamento	143	2	de força ao treinamento
47	5	método de treinamento	144	2	de força isolado, treinamento
48	5	mês de treinamento	145	2	de que o treinamento
49	5	no grupo de treinamento	146	2	de treinamentos
50	5	os treinamentos	147	2	de variáveis do treinamento
51	5	para treinamento	148	2	decorrente do treinamento
52	5	protocolo de treinamento	149	2	dia de treinamento
53	5	situações habituais de treinamento	150	2	diferentes de treinamento
54	4	a intensidade do treinamento	151	2	diferentes protocolos de treinamento
55	4	chave: Treinamento	152	2	do conteúdo do treinamento
56	4	consistente do treinamento	153	2	do estado de treinamento

57	4	da sessão de treinamento	154	2	do programa de treinamento
58	4	dois protocolos de treinamento	155	2	dois tipos de treinamento
59	4	durante o treinamento	156	2	dos efeitos do treinamento
60	4	e pós-treinamento	157	2	dos protocolos de treinamento
61	4	e treinamento	158	2	dos treinamentos
62	4	estado de treinamento	159	2	e de treinamento
63	4	experiência em treinamento	160	2	e o treinamento
64	4	forma de treinamento	161	2	efeito crônico do treinamento
65	4	formas de treinamento	162	2	efeito do treinamento
66	4	mais consistente do treinamento	163	2	em centros de treinamento
67	4	meses de treinamento	164	2	em grupo de treinamento
68	4	observaram que o treinamento	165	2	encontrada após o treinamento
69	4	os grupos de treinamento	166	2	entre treinamento
70	4	Palavras-chave: Treinamento	167	2	experiência prévia no treinamento
71	4	pré e pós-treinamento	168	2	final do treinamento
72	4	seis meses de treinamento	169	2	força ao treinamento
73	4	total de treinamento	170	2	força isolado, treinamento
74	4	um período de treinamento	171	2	função pulmonar após treinamento
75	4	volume total de treinamento	172	2	investigaram o treinamento
76	4	à prescrição do treinamento	173	2	isolado, treinamento
77	3	a sessão de treinamento	174	2	metade de treinamento
78	3	as formas de treinamento	175	2	metodológicas do treinamento
79	3	centros de treinamento	176	2	microciclos de treinamento
80	3	chave: treinamento	177	2	monitoramento do treinamento
81	3	conteúdo do treinamento	178	2	métodos de treinamento
82	3	conteúdos de treinamento	179	2	Nesse sentido, o treinamento
83	3	das sessões de treinamento	180	2	níveis de treinamento
84	3	de oito de treinamento	181	2	o efeito do treinamento
85	3	de prescrição do treinamento	182	2	o nível de treinamento
86	3	de programas de treinamento	183	2	o programa de treinamento
87	3	de um treinamento	184	2	obtidos com o treinamento
88	3	diferentes conteúdos de treinamento	185	2	os benefícios do treinamento
89	3	do período de treinamento	186	2	os do treinamento
90	3	do protocolo de treinamento	187	2	os praticantes do treinamento
91	3	duração do treinamento	188	2	pacientes submetidos ao treinamento
92	3	e duração do treinamento	189	2	periodização do treinamento
93	3	grupo treinamento	190	2	pesquisas sobre treinamento
94	3	intensidades de treinamento	191	2	praticantes do treinamento
95	3	intensificação do treinamento	192	2	prescrever o treinamento
96	3	isolado ou treinamento	193	2	primeiro mês de treinamento
97	3	lado, o treinamento			

(Continua até 209.)

ANEXO 4 – CLUSTERS DE FORÇA, TAMANHO 2-4**(Resultados com frequência mínima de 2, copiados e formatados no Word)**

1	103	força muscular	34	4	força para pacientes com
2	30	força de	35	4	força pode ser
3	30	força e	36	4	força, a
4	27	força em	37	4	força, o
5	19	força para	38	3	força ao
6	12	força muscular periférica	39	3	força de idosos
7	10	força de 1-RM	40	3	força desenvolvida
8	10	força máxima	41	3	força deve
9	9	força sobre	42	3	força do quadríceps
10	8	força e aeróbio	43	3	força e massa
11	7	força foi	44	3	força e resistência
12	7	força isolado	45	3	força em adultos
13	7	força muscular em	46	3	força em crianças
14	6	força de 1-RM de	47	3	força em idosas
15	6	força muscular e	48	3	força em idosos
16	6	força pode	49	3	Força muscular
17	6	força é	50	3	força muscular para
18	5	força (TF)	51	3	força muscular periférica é
19	5	força foram	52	3	força muscular pode

20	5 força muscular de	53	3 força muscular é
21	5 força nessa	54	3 força muscular. Em
22	4 força absoluta	55	3 força nessa faixa
23	4 força com	56	3 força nos
24	4 força de alta	57	3 força que
25	4 força de alta intensidade	58	3 força sobre o
26	4 força do	59	3 força são
27	4 força muscular, composição	60	3 força tem
28	4 força muscular, composição corporal	61	3 força, de
29	4 força na	62	2 força (AF
30	4 força no	63	2 força (AF) e
31	4 força não	64	2 força (painel
32	4 força ou	65	2 força (painel B
33	4 força para pacientes		(Continua até 138.)

ALINHADO À DIREITA (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 121)

1	321	de força	62	3	significativo da força
2	166	treinamento de força	63	3	treino de força
3	86	da força	64	2	a soma da força
4	46	de treinamento de força	65	2	A treinabilidade da força
5	45	do treinamento de força	66	2	A) e de força
6	39	a força	67	2	aeróbicos e de força
7	34	na força	68	2	aeróbio e de força
8	23	o treinamento de força	69	2	aferir a força
9	20	aumento da força	70	2	aprimoramento da força ??
10	19	exercícios de força ??	71	2	aquisição de força ??
11	19	ganhos de força ??	72	2	aumento significativo de força
12	12	exercício de força ??	73	2	aumento significativo na força
13	12	Treinamento de força	74	2	aumentos na força
14	11	o aumento da força	75	2	avaliação da força
15	10	e força	76	2	cada exercício de força
16	9	A força	77	2	componentes de força
17	9	e de força	78	2	da massa e força
18	8	em força	79	2	de 235% na força
19	8	O treinamento de força	80	2	de aumentar a força
20	7	aumentar a força	81	2	de exercício de força
21	7	aumento de força	82	2	de exercícios de força
22	7	desempenho da força ??	83	2	de Força
23	7	ganho de força ??	84	2	decréscimo na força
24	7	sobre a força	85	2	destreinamento de força ??
25	6	após treinamento de força	86	2	do desempenho da força
26	6	desenvolvimento da força	87	2	do exercício de força
27	6	dos exercícios de força	88	2	do treinamento da força
28	6	nos ganhos de força	89	2	dos valores de força
29	6	redução de força	90	2	e aumento na força
30	5	ao treinamento de força	91	2	e da força
31	5	aumento na força	92	2	entre treinamento de força
32	5	DE FORÇA	93	2	ganhos em força ??
33	5	em treinamento de força	94	2	incremento de força
34	5	melhora da força	95	2	induzir aumento de força
35	5	os ganhos de força	96	2	medida de força ??
36	5	significativa da força	97	2	na sessão de força
37	5	significativa na força	98	2	no desenvolvimento da força
38	5	treinados em força	99	2	no ganho de força
39	5	valores de força	100	2	no treinamento da força
40	4	a redução de força	101	2	o desenvolvimento da força
41	4	chave: Treinamento de força	102	2	os treinamentos de força
42	4	comportamento da força	103	2	os valores de força
43	4	melhora significativa da força	104	2	para aumento da força
44	4	no desempenho da força	105	2	percentual da força
45	4	no treinamento de força	106	2	produção de força
46	4	os exercícios de força	107	2	que a força
47	4	para aumentar a força	108	2	queda de força
48	4	treinamento da força ??	109	2	queda significativa na força

49	4	TREINAMENTO DE FORÇA	110	2	redução na força
50	4	à força	111	2	significativo de força
51	3	aeróbios e de força	112	2	significativo na força
52	3	ao comportamento da força	113	2	sobre treinamento de força
53	3	aumento significativo da força	114	2	soma da força ??
54	3	chave: treinamento de força	115	2	subseqüente de força
55	3	desenvolvimento de força	116	2	sujeitos treinados em força
56	3	e treinados em força	117	2	testes de força ??
57	3	massa e força	118	2	TP sobre a força
58	3	o exercício de força	119	2	treinabilidade da força
59	3	o ganho de força	120	2	treinamentos de força
60	3	para treinamento de força	121	2	um treinamento de força
61	3	sessão de força			

Artigo recebido em: 07.08.2014

Artigo aprovado em: 22.11.2014

Domínios de Linguagem